

O PAPEL DO INTERPRETE/INSTRUTOR DE LIBRAS NA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM SALAS REGULARES: uma experiência no município de São Bernardo – MA

Moises Garcês Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal compreender de que forma se dá o papel do interprete/instrutor de libras na inclusão de alunos surdos em salas de ensino regular, no Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha no município de São Beirando – MA, pretende-se com isso identificar junto aos professores e a aos interpretes qual sua importância no processo de inclusão do aluno surdo dentro da sala de aula e da escola. Para tal foram feitas revisões bibliográficas de autores como MARCON (2012) e OLAH e OLAH (2010) bem como entrevistas com as interpretes que atuam na escola, afim de perceber como se dá o processo de construção dos conceitos dentro da LIBRAS, bem como toda a importância da presença do interprete dentro da sala de aula para a inclusão do aluno identificando também as dificuldades inerentes ao processo de ensino aprendizagem do aluno surdo dentro da escola.

Palavras-chave: LIBRAS; INTERPRETE; INCLUSÃO

INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se a era busca de direitos, em que todas as áreas da sociedade se beneficiam dos aparatos tecnológicos existentes, que surgem para melhorar as atividades e necessidades de cada uma dessas áreas. Com a educação não poderia ser diferente. Hoje, as tecnologias contribuem para um melhor processo de ensino-aprendizagem, proporcionando novas formas de incluir, ensinar e aprender.

A partir de mudanças na forma de ensinar e com a inserção de alunos surdos em salas de ensino regular nesse processo de ensino, mudam-se também as formas de aprendizagem. Os alunos sentem-se mais motivados, pois a inclusão se dá quando pessoas com suas diferenças convivem e aprendem com suas particularidades

A partir de então, expomos que neste momento existe a necessidade de se pensar em um novo modelo educacional a fim de incluir estes novos alunos com necessidades específicas.

¹ Pós-graduando em Libras pelo Centro de Ensino Sistemas e Tecnologias – CESTE, Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social - UFMA. Graduado em Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa – UFMA. Professor da Rede Estadual da SEDUC – MA. moisg01@hotmail.com

Compreender de que forma se dá o papel do interprete/instrutor de libras na inclusão de alunos surdos em salas de ensino regular, na perspectiva dos/as professores/as e alunos/as e do interprete no Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha no município de São Beirando - MA. E como objetivos específicos, realizar um panorama conceitual sobre o papel do interprete/instrutor de libras na educação, mostrar por meio de estudos realizados sobre o tema, a importância da inclusão em sala de aula de ensino regular e analisar como o interprete/instrutor pode atuar para beneficiar o discente no processo de aprendizagem.

A pesquisa de campo será realizada no Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha do município de São Bernardo – MA, situada na zona urbana e considerada a maior escola do município. A pesquisa contará também com o aporte de dois interpretes/instrutor de libras que atuam em turmas regulares do Ensino Fundamental series finais (6º ao 9º ano) que possuem alunos surdos, da referida escola.

1- O PROFISSIONAL INTERPRETE DE LIBRAS

No Brasil, a lei Nº 12.319 de 01 de Setembro de 2010, marca institucionalmente a regulamentação do profissional que atua como interprete d Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Este é um fator histórico que contribuiu significativamente para a consolidação desse profissional, bem como a atenção das políticas públicas voltadas para a melhora constante das condições de trabalho do interprete de LIBRAS.

O interprete é o sujeito responsável por traduzir do Português da modalidade Oral para a Língua Brasileira de Sinais e está baseando na Lei do interprete de Libras, designado a trabalha em quaisquer locais onde haja necessidade do interprete, seja em hospitais, repartições públicas, peças de teatro, shows, e também na escola, onde o interprete assume muitas vezes o caráter de educador, sendo ele responsável pela transmissão do conteúdo escolar para o aluno surdo.

Nesse sentido, conforme diz MARCON (2012) cabe ao interprete traduzir da melhor maneira qual seja possível o conteúdo oralizado pelo interlocutor a pessoa surda, isso se dá respeitando fortemente toda a estrutura gramatical apresentada tanto na Língua Portuguesa, como na LIBRAS.

É necessário salientar que, como nos aponta GESSER (2009) a LIBRAS é um idioma com uma gramática específica, diferente da Língua Portuguesa, a mesma possui uma série de exigências gramaticais visando a melhor tradução da língua oral para a língua de Sinais.

Dentro da LIBRAS, existem cinco parâmetros que regem a sua gramática, são eles a) a configuração de mãos²; b) O ponto de articulação³; c) orientação de mãos⁴; d) expressão manual⁵; e) o movimento⁶. São esses parâmetros que irão formar esse idioma e permitir a interação do surdo com o mundo.

MARCON (2012) explica a partir da teoria linguística formulada por Soussere dão origem ao Curso de Linguística Geral – CLG, dando aporte teórico metodológico a conceitos imprescindíveis no estudo da LIBRAS como por exemplo o de *signo linguístico*, e na interpretação de algumas dicotomias como *língua e linguagem, significante e significado e sistema e paradigma*.

A autora diz que no método de Soussere

Cada língua cria um mundo a partir do seu ponto de vista, uma vez que cada indivíduo tem uma maneira própria de perceber o mesmo objeto. Segundo ele, a língua é uma relação que se liga o pensamento ao som, de modo que, ao determinar sonoramente uma palavra, esta reproduz uma imagem acústica desse som. Da associação desses dois elementos – imagem e som – é que se resultará em um sentido, formando um signo. Para elucidar esse conceito, o CLG (1995, P.131) apresenta a metáfora da folha de papel: o pensamento é a frente da folha e o som é seu verso, sendo impossível cortar um sem que o outro seja afetado. Entretanto, não se tratam de termos ou ideias indissociáveis, pois a língua estabelece relações entre significante e significado, ao mesmo tempo constrói cada signo, que adquire um sentido e contrapõe a outro signo. Diante disso entende-se por significante a imagem acústica e por significado, o conceito (MARCON, 2004 p.235)

Colocando a teoria do CGL em prática na LIBRAS podemos exemplificar com o uso da palavra “PORCO” onde se pode imaginar o animal porco, mas também a carne que se come. Em LIBRAS o pensamento cria dois recortes da mesma palavra onde no primeiro se há de imaginar o porco como um animal e no outro a carne que se come, sendo que esses signos têm dentro da LIBRAS cada uma deles o seu valor e se define pela oposição do signo “Porco” para o animal, e o signo “PORCO” para o alimento, nesse sentido conclui-se que o significado

² “[...] é a forma das mãos na realização de um sinal; na LIBRAS existem 46 CMs (QUADROS; KARNOPP, 2004. P.53)

³ “[...] é aquela área do corpo, ou espaço de articulação definido pelo corpo, perto da qual o sinal é realizado” (QUADROS; KARNOPP, 2004. P.56)

⁴ “[...] é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal, para cima, para baixo, para frente, para a direita ou para a esquerda (QUADROS; KARNOPP, 2004. P.59)

⁵ “[...] é o movimento da face, dos olhos da cabeça ou do tronco a presta-se a dois papéis na Língua de Sinais; marcação de construção sintática e diferenciação de itens lexicais” (QUADROS; KARNOPP, 2004. P.60)

⁶ “[...] é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, aos movimentos do pulso e aos movimentos direcionais do espaço” (QUADROS; KARNOPP, 2004. P.54)

do signo em LIBRAS varia de acordo com o contexto em que ele está inserido (MARCON 2012)

Destarte, o interprete de LIBRAS é responsável por compreender todo o contexto evidenciado na fala do interlocutor e transmiti-la da forma que o sentido da fala não se perca dentro da tradução. Como nos diz GESSER (2009) a LIBRAS é uma língua imagética, onde para que a frase se mantenha no seu sentido original se faz necessário o uso dos parâmetros, bem como o conhecimento prévio do texto a ser apresentado para que a tradução se dê da melhor maneira.

Dentro do contexto da escola isso trás desafios impares para o interprete de LIBRAS, uma vez que ele assume algumas das vezes o papel de educador, por ser ele o principal transmissor de conteúdo ao aluno e formador de conceitos ao mesmo.

Dentro desse processo de interpretação a transmissão da mensagem ao aluno surdo, cabe ao interprete educacional selecionar dentro das possibilidades existentes sinais que sejam entendíveis ao aluno surdo. Tal condição conforme nos diz MARCON (2012) marca o momento de planejamento, ou seja, o modo pelo qual o interprete reunirá as informações com base nas suas competências para poder transmitir a mensagem. Dessa forma:

A perspectiva da interação é uma atividade interativa e dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Essa interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical (MACRON *apud* QUADROS, 2012.p. 238)

LACERDA e POLETI (S/D) traduzem esses contextos para dentro da escola, no trabalho do profissional interprete de LIBRAS, as autoras pontuam que dentro do ambiente escolar a tarefa de interpretar ganha uma dificuldade a mais, o próprio ambiente escolar como um todo, desde a estrutura da sala, o comportamento dos alunos ouvintes, e a preparação pedagógica do professor titular das disciplinas, que precisam trabalhar junto com o interprete para o sucesso do processo de ensino aprendizagem do aluno surdo.

Entretanto, muitas das vezes não é isso que ocorre, as autoras em seu estudo sobre o interpretem de Libras dentro da sala da aula constataram que muitas das vezes não há um diálogo constante no planejamento das aulas visando o aluno surdo, o interprete e o aluno muitas das vezes se isolam dentro da sala, tendo apenas a comunicação entre eles, o que dificulta o processo de uma real inclusão do aluno surdo dentro do ensino regular no Brasil.

Um das entrevistadas no trabalho de LACERDA E POLETTI (S/D p.10) diz que:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Eu acho que se preocupar com aquilo que ela tá falando tá sendo passado de alguma forma é válido, mas não ficar falando o tempo inteiro ‘você já falou isso?’ [...] a negociação com a professora, as vezes é muito difícil... primeiro pelo fato dela estar, a minha impressão né, achando que é outra pessoa que é meio que testando né, olhando né, como tá o trabalho, se tá legal ou não

Como se pode observar, a integração de todo o corpo escolar no processo de ensino aprendizagem se torna um recurso facilitador da aprendizagem, é preciso deixar claro os papéis a serem desempenhados dentro da sala de aula, o professor é o responsável por transmitir o conteúdo, ensinar, e ter o domínio do assunto. Quanto ao interprete, ele deve interpretar, traduzir os conteúdos ao aluno e não ficar responsável unicamente pelo seu processo de ensino aprendizagem.

As autoras argumentam que esse trabalho não é feito dentro da escola, só há integração interprete/ professor quando há cobrança do interprete e mesmo assim muitas das vezes estes não participam o cotidiano da escola e das fases de planejamento, dificultando ainda mais o processo de inclusão, inclusive auxiliando na promoção de atividades que integrem o surdo ao restante da turma ouvinte. O que se vê é o contrário, as atividades ainda são pensadas para o público majoritariamente ouvinte, esquecendo-se que a LIBRAS é uma língua imagética e que tem processos diferentes de transmissão de conteúdo para o aluno surdo.

Ao executar a tradução da Língua Portuguesa para LIBRAS, o interprete deve fazer uso do cuidado para não se equivocar e reproduzir um contexto diferente da fala do professor, precisa para isso ter clareza das informações para que não se cause a criação de circunstâncias desnecessárias haja vista que ele não está na sala para medir conhecimento com o docente, mas para mediar o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo, se faz necessário portanto, que o interprete tenha um eixo pragmático amplo, dado que numa interpretação estará frequentemente fazendo escolhas e substituições lexicais para adequar os sinais utilizados ao contexto da aula ministrada.

Nesse sentido é fundamental que o interprete tenha consigo algumas competências na área da tradução para que consiga viabilizar o aprendizado do aluno tanto do conteúdo, mas também da própria LIBRAS uma vez que muitos desses alunos não têm um amplo contato com a comunidade surda para a aplicação do seu vocabulário.

MARCON *apud* ROBERTZ, 2010. P.240) apresenta seis competências essenciais para o bom desempenho do interprete de LIBRAS dentro da sala de aula são elas:

- 1- **Competência linguística** – habilidade de entender o objeto da linguagem usada em todas as suas nuances e expressá-las corretamente, fluentemente e claramente a mesma informação na língua alvo, ter habilidade

para distinguir as ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso.

2- **Competência para a transferência** –essa competência envolve habilidades para compreender a articulação do discurso da língua fonte, habilidade para integrar o significado da língua fonte para a língua alvo, sem distorções, adições ou omissão, sem influência da língua fonte para a língua alvo.

3- **Competência metodológica**- habilidade de usar diferentes modos de interpretação, para encontrar o item lexical e a terminologia adequada, avaliando e usando-os com bom senso e para recordar itens lexicais e terminologias.

4- **Competência na área** – conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada

5- **Competência bicultural** – conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte e da língua alvo

6- **Competência técnica** – habilidade para posicionar-se apropriadamente para interpretar.

Sendo assim, apenas o conhecimento da língua de sinais não garante uma boa interpretação, se faz necessário muito mais. É preciso que esses seis parâmetros sejam atendidos, dessa forma surdo e interprete tornam-se cúmplices nesse processo de construção do ensino aprendizagem.

O atendimento de tais parâmetros permite ao interprete de LIBRAS segundo OLAH e OLAH (2010), uma maior inclusão deste e toda a sociedade, pois permite que o surdo interaja com todo o ambiente ao seu redor não se limitando apenas a conversações entre ele e o interprete.

As autoras destacam que

Segundo Francis Aubert, autor do livro “As (in) felicidades do tradutor, o ato tradutório exige algumas competências que podem ser desenvolvidas. Vale deixar claro que a competência tradutória diferencia o bilíngue do tradutor. E por que não atribuir as competências necessárias ao tradutor de línguas orais também ao TILS? Atualmente destaca-se a atuação do interprete no âmbito cultural, educacional e científico, e em muitas outras áreas de atuação como saúde, sistema jurídico etc. e me permito imaginar o futuro dessa profissão no Brasil em que os tradutores interpretes atuem de acordo com a sua competência referencial [...] e de acordo com a área especializada por seus estudos. (OLAH; OLAH. 2010. N.p)

Com isso o interprete de LIBRAS consegue com seu trabalho, quando desenvolvido de maneira excelente, abrir um mundo de possibilidades ao surdo no seu processo de integração com a comunidade, e também, como o caso de nossa pesquisa, com a comunidade escolar.

Vale ressaltar com isso o modo pelo qual se dá a tradução pelo interprete de LIBRAS e com isso salientar as dificuldades que permeiam o exercício da profissão especialmente dentro das escolas.

MARCON (2012), assim como GESSER (2009) afirmam que a LIBRAS possui uma estrutura gramatical diferente da Língua portuguesa que deve ser respeitada quando se faz a tradução de um idioma para outro, nesse sentido a formulação de uma frase em LIBRAS deve atender os elementos gramaticas que dão sentido a ideia que está sendo desenvolvida. Tais elementos são colocados na frase em uma sequência que estabelece hierarquias entre o que é visto primeiro pelo surdo constituindo o que será para ele sinalizado. Dessa forma conforme MARCON *apud* HICKOK; BELUGGI; KLIMA, 2012.p.242)

A língua de sinais e a falada compartilham propriedades abstratas, mas diferem radicalmente na sua forma externa. As línguas faladas são codificadas em mudanças acústico-temporais variações do som no tempo. As línguas de sinais, contudo, baseiam-se em mudanças visuoespaciais para assinalar contrastes linguísticos.

Dessa forma, constroem-se as interações entre interprete e surdo, alterando-se, pois, as sequencias de palavras, do que é dito pelo professor e o que é recebido pelo surdo via interprete.

2- O PAPEL DO INTERPRETE DE LIBRAS NO I.E CONEGO NESTOR DE CARVALHO CUNHA

Passaremos agora para a terceira parte deste artigo, que trás os resultados das pesquisas feitas com interpretes de LIBRAS que atuam na escola I.E Conego Nestor de Carvalho Cunha, no município de são Bernardo MA. Essas entrevistas foram estruturadas de forma a fala ao interprete total liberdade ao responde-la, trabalhando com entrevistas abertas.

Ao término das gravações foram feitas as transcrições integrais dessas gravações, sendo que os nomes dos entrevistados foram alterados.

Aos entrevistados for perguntado qual era o papel do interprete na relação escolas, as respostas das duas entrevistadas, Vanessa, e Maria do Socorro foram respectivamente

O trabalho do interprete dentro da escola, é totalmente diferente do que de um interprete de uma palestra por exemplo. Quando interpretamos em uma palestra temos intervalos ara podes descansar, pois esse é um trabalho muito fatigante para nosso cérebro. Aqui na escola a rotina é totalmente diferente, passamos todo um pedido do dia ativos, todo o tempo fazendo as interpretações para a Maria Elisa, isso sem contar o ambiente de trabalho

muito estressante, crianças falando, correndo, professor falando, eu interpretando [...] o papel do interprete não é fácil, é preciso ter muito jogo de cintura para se estar na escola. [...]. O interprete tem que ter o papel apenas de interpretar, é nisso que somos formados, mas muitas vezes acabamos atuando como professoras da Maria [...] o interprete não é professor, ou pelo menos não deveria ser, mas o ambiente de trabalho te exige muito isso [...] você é quem mais tem contato com o surdo, então a sua responsabilidade junto com ele é muito grande (Vanessa)

É difícil dividir o trabalho de interprete com o de professora, a gente acaba sendo as duas coisas, por que eu vejo que a Maria Elisa está sozinha na sala, as vezes meio perdida, cheia de dúvidas. Até por que a professora não tem só a Maria Elisa pra dar conta, tem outros alunos também com as suas dificuldades, então agente como interprete acaba tendo também o papel de professor [...] A Maria não tem todos os sinais ainda, ela está aprendendo, então muitas vezes a gente precisa ir com calma, desenhar, repetir várias vezes até que ela entenda o que está sendo passado, e isso sem perder o fio de meada da sala de aula, do conteúdo que o professor está passando no quadro, ou falando na frente da turma, então não dá pra interpretar tudo ao pé da letra, a gente precisa fazer a interpretação de acordo com o contexto o que a caba dificultando muito o trabalho como interprete. (Maria do Socorro)

Tais depoimentos revelam as dificuldades existentes quando se fala do interprete educacional. Todo o ambiente em que se está inserido muda radicalmente o modo pelo qual se faz a tradução para LIBRAS, seja a idade da criança, os conteúdos ministrados, tudo isso leva ao interprete a desempenhar uma função que vai para além de estreitamente traduzir português para Libras. As entrevistas revelam que mesmo que as interpretes tenham o desejo de manter-se fixas a sua posição dentro da sala de interpretes, elas acabam desempenhado uma dupla função, desse conflito, se tem um paradoxo no que tange entre o que é possível e o que é necessário se fazer enquanto interprete educacional, tal conflito revela a urgência de que se reveja a formação no sentido de favorecer a construção do papel profissional que os interpretes de LIBRAS devem desempenhar dentro da escola.

Outro ponto que gera discussão, está em torno das dificuldades do aluno, o interprete se vê em um dilema, entre continuar com a tradução do que está sendo falado ou se focar nas dificuldades que o aluno acaba apresentando durante a tradução, e isso não apenas com os sinais, mas também com os conteúdos que são ministrados em sala de aula. Diante disso se percebe que muitas vezes a função do interprete e a do professor não estão bem limitadas gerando conflitos que acarretam numa perda especialmente para o aluno surdo.

As entrevistadas também foram perguntadas a respeito da sua relação com os professores, diante disso vale ressaltar a fala de Maria do Socorro, sendo ela a interprete com mais tempo de atuação na escola e com a aluna Maria Elisa, ela relata que

Frequentemente eu tenho que chamar a professora pra esclarecer as dúvidas da Maria, é muito difícil toda essa relação dentro da sala, só depois de muitas reuniões com as coordenadoras da escola que ela está mais atenta á Maria [...] agora elas, antes de darem a matéria em sala me passam primeiro o conteúdo para eu estudar, pra que assim a gente consiga transmitir melhor o conteúdo no momento da aula. (Maria do Socorro)

Reside aqui mais um ponto de conflito na inserção do interprete de LIBRAS em sala de aula, ele não pertence ao corpo docente, não participa de reuniões com a coordenação ou com a equipe pedagógica da escola, e isso faz com que as relações professor-interprete não fiquem totalmente esclarecidas. É visto claramente a necessidade dos interpretes que o professor também detenha sua atenção ao aluno surdo, cabe a ele corrigir, avaliar, questionar, não podendo ser legado esse papel ao interprete. Entretanto como se vê isso nem sempre acontece, e o interprete muitas das vezes se torna o encarregado de assumir o papel de professor para o aluno que auxilia em sala de aula.

É necessário, portanto, que haja entre professor e interprete conversas prévias sobre o papel de cada um deles dentro da sala, e como ambos irão auxiliar o aluno surdo no processo de ensino aprendizagem. No caso da escola pesquisada, algumas dessas reuniões chegaram a acontecer, mas somente após inúmeras queixas das interpretes a respeito do trabalho que vinha sendo desenvolvido pelos professores junto a Maria Elisa. Nessas reuniões, porém, os professores não estavam presentes, apenas a direção e coordenação pedagógica, sendo a coordenadora responsável por transmitir o que fora decidido em reunião para os professores. O depoimento das interpretes revela, entretanto, que tais reuniões não atingiram o efeito desejado, ainda há uma separação muito grande entre interprete e professor, algo que não deve ocorrer caso realmente se almeje uma educação realmente inclusiva.

Sobre essa organização pedagógica da escola a interprete Vanessa nos relatou o seguinte

É uma dificuldade enorme trabalhar com conteúdo que não vimos previamente, fica muito mais difícil passar para Maria Elisa de forma clara e principalmente acompanhando o ritmo da aula que é dado pelo professor. Agora por exemplo na aula a professora está trabalhando com continentes, ela planeja a aula, sabe como vai ser, com a gente também deveria ser assim. [...] a escola em que trabalho é um caixinha se surpresas, em um dia que pensamos que vai ser um dia normal de aula chegamos lá e descobrimos que vai ser prova surpresa, ou que as crianças vão fazer uma aula no auditório. A gente chega para trabalhar sem nenhuma noção de o que pode ocorrer dentro do período de aula e isso atrapalha muito na hora de interpretar para a Maria. (Vanessa)

Já a interprete Maria do Socorro disse o seguinte

Uma coisa que muito me incomoda na sala é o fato da Maria Elisa não entender alguns conteúdos, os textos trabalhados muitas vezes são muito abstratos, e acaba gerando dificuldades para interpretação. A escola não é adaptada para ela, é feita para alunos ouvintes e isso é uma coisa que todos nós sabemos bem. [...]. Ela consegue entender bem os conceitos, o problema é na hora de passar aquilo para o papel, por que a construção em LIBRAS é diferente da língua oral. Ela consegue construir o pensamento dela em LIBRAS, outro dia ela foi na frente da sala para explicar o conteúdo e todos entenderam bem, o problema é essa transposição da LIBRAS para a língua escrita. (Maria do Socorro)

A metodologia para o ensino da criança surda é algo que está muito evidente nos relatos das entrevistadas. As interpretes comenta muito a respeito do modo como adequam os sinais ao contexto trabalhado com a aluna, e como é importante uma continuidade desse trabalho diário em sala de aula. Entretanto como podemos perceber essa troca de informações se torna mais difícil por conta da falta de comunicação que existe entre interprete e professor, uma vez que o interprete não tem acesso ao conteúdo que será ministrado, isso dificulta a tradução.

Como visto na análise de MARCON (2012) é preciso uma contextualização muito grande, uma troca de sinais frequente por parte do interprete para dar sentido a fala do professor em sala de aula, afim de que se construa uma frase conexa e que seja entendível pelo aluno surdo. Essa falta de comunicação entre os interpretes com os professores inviabiliza o bom resultado desses trabalhos.

Quando existe essa troca de informações, quando há conexão entre professor e interprete, o trabalho de ambos se torna muito mais fácil, facilitando o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo e otimizando os resultados de uma verdadeira inclusão dentro de sala de aula.

Tal inclusão pode ser compreendida como a aceitação da criança surda e também do interprete em sala de aula, existe dentro da escola pesquisa uma falsa impressão de inclusão, quando na verdade a fala das interpretes apontam inúmeras falhas nesse processo, que acabam por gerar no fim de tudo uma segregação do aluno surdo e também do interprete dentro da sala de aula.

A última questão dada as interpretes refere-se a sua relação com o aluno que acompanham diariamente, as respostas evidenciam mais uma vez essas falhas no processo de inclusão do aluno surdo dentro da sala de aula e da escola como um todo, a interprete Maria do Socorro nos diz que

As vezes sinto como se fossemos cúmplices dentro da sala de aula, nós adquirimos com o tempo uma confiança muito grande um com o outro, hoje sou interprete, amiga, educadora, tudo isso por que acompanhei a Maria em

tudo, não só nas aulas, mas nas festinhas da escola também, e isso cria um vínculo muito bom entre agente. [...]. Tem vezes que a professora está explicando alguma coisa, e ela dá vários exemplos, nisso eu acabo repetindo várias vezes o mesmo sinal, por que na LIBRAS não existem tanto sinônimos quanto na língua portuguesa, nisso ela cansa, se entedia por que não está entendendo o conteúdo, e eu preciso sempre estar chamando a atenção para ela estar voltando pra aula e não se atrasar em relação ao conteúdo. (Maria do Socorro)

O relato da interprete permite perceber que o aluno surdo muitas vezes veem na interprete um meio de ter alguém que possa fazer as coisas por ele, estando elas sempre à disposição do aluno para tudo, isso se reflete sobretudo pela falta de experiência da criança. E no seu entendimento sobre o papel do interprete dentro da sala de aula.

O depoimento de Maria do Socorro também evidencia que nesse vínculo entre eles há idas e vindas, momento de aceitação e rejeição por parte da criança. Isso deixa claro que para a criança O papel do interpreta ainda não é claro, em sua idade não é simples se distanciar de sua própria vivência e refletir sobre ela, ou avaliar a sua condição de aprendizagem dos conteúdos. O que a criança percebe é um adulto disponível, e que colabora para seu processo de ensino aprendizagem, sendo mais do que isso, é seu único interlocutor físico sendo com ele, e muitas vezes apenas com ele que exercita suas capacidades de vivencia social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode notar nas entrevistas, o trabalho do interprete educacional é permeado de inúmeras dificuldades metodológicas e práticas na sua profissão, existe ainda, por parte dos professores um desacordo no papel que o interprete deve ter dentro da sala com o aluno surdo que ele acompanha, o que faz com que todo o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo seja prejudicado.

Essas conversas entre professores e e interpretes devem ser mais frequentes, pois como vimos no decorrer desse artigo a construção de conceitos pelo aluno surdo por meio da LIBRAS é diferente da dos alunos ouvintes, o professor deve ser sensível a essas dificuldades e trabalhar em conjunto com o interprete para um melhor rendimento do aluno surdo em sala de aula.

Destacamos sobretudo a importância que tem o interprete educacional na inserção do aluno surdo, mas com inúmeras ressalvas, onde seu papel que é o de interpretar, acaba sendo confundido com o de educar e ensinar o conteúdo à criança. Esses papeis em sala devem ser muito bem divididos afim de não gerar sobrecarga de funções tanto ao professor, mas especialmente ao interprete.

Como vimos, o trabalho em especial do interprete educacional, se diferencia muito do papel do interprete de um evento por exemplo, o primeiro tem uma carga de trabalho e de responsabilidade muito maior que o segundo, não tem pausas a tradução e enfrente além disso toda uma miríade de dificuldades dentro do ambiente escolar afim de promover uma verdadeira inclusão do aluo surdo que acompanha diariamente.

Ressaltamos por fim que, a presença do interprete é fundamental para o contexto escolar que o aluno surdo está inserido, uma vez que LIBRAS e Língua Portuguesa são idiomas distintos, o modo de construção de uma frase, e de um conceito são diferentes, sendo nesse sentido imprescindível a presença do interprete em sala de aula, mas pontuamos que nesse cenário deve-se haver um maior diálogo dentro da escola afim de aproveitar toda a potencialidade do papel do interprete afim de que o aluno surdo seja realmente inserido na vivencia escolar como um todo, e não seja visto como mais um ponto de separação entre surdo e ouvinte.

REFERÊNCIAS

GESSER, Audriel.1971. **LIBRAS? Que Língua é essa?: Crenças e preceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda/ Audriel Gesser** ;[prefácio de Pedro M. Garcez]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009

LACERDA, Cristina B.F de; POLETTI, Juliana E. **A Escola Inclusiva Para Surdos: A situação singular do interprete de Língua de Sinais.** Educação Especial Nº 15 S/D

MARCON, Andreia Mendiola. **O papel do tradutor/interprete de LIBRAS na compreensão de conceitos pelo surdo.** ReVel, Vol 10, n 10. 2012.

OLAH, Lilian Vania de Abreu Silva; OLAH, Naiane Caroline Silva. **O Interprete de LIBRAS na inclusão social do surdo.** Revista Pandora Brasil – Novembro de 2010.

QUADROS. Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004